

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל מֹשֶׁה
וְאֶל אֶלְיָשָׁר
נֹאמְרֵי זֶה אֵלֶיךָ
כִּי תֵּן אֶת אֲנִיכֶם
וְעִקְוֹתֵיכֶם

וְיִרְאֶה

אֶת־עֲצֵמְךָ

ENSAIOS

A DOUTRINA DE SATURNO: DO RENASCIMENTO AO ANTROPOCENO

THE DOCTRINE OF SATURN: FROM THE RENAISSANCE TO THE ANTHROPOCENE

LA DOCTRINA DE SATURNO: DEL RENACIMIENTO AL ANTROPOCENO

Marco Antonio Valentim  

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Submetido em: 27/11/2025

Aceito em: 27/02/2026

Publicado em: 22/06/2026

Como citar: VALENTIM, Marco Antonio. A doutrina de Saturno: do Renascimento ao Antropoceno. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. e63108, jan./jun. 2026.

DOI: [10.53981/destrocos.v7i1.63108](https://doi.org/10.53981/destrocos.v7i1.63108)



Licenciado sob a [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Marco Antonio Valentim é professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

Contribuição (CRediT)

M.A.V.: Conceituação; Investigação; Escrita (rascunho original).

Resumo

O ensaio esboça uma apresentação filosófica da ideia de Saturno. Para tanto, concentra-se no estudo do caráter saturnino na filosofia de Walter Benjamin, segundo as concepções que ela toma explicitamente como referência, tanto renascentistas quanto modernas. Tem-se por objetivo principal considerar, por meio da forma-Saturno, a transformação histórico-cósmica que conduziu do Renascimento ao Antropoceno.

Palavras-chave

Saturno; Antropoceno; astrologia; demonologia; cosmologia; modernidade.

Abstract

This essay outlines a philosophical presentation of the idea of Saturn. To this end, it focuses on the study of the Saturnian character in the philosophy of Walter Benjamin, according to the conceptions that it explicitly takes as a reference, both from the Renaissance and modernity. Its main objective is to consider, through the Saturn-form, the historical-cosmic transformation that led from the Renaissance to the Anthropocene.

Keywords

Saturn; Anthropocene; astrology; demonology; cosmology; modernity.

Resumen

Este ensayo presenta una perspectiva filosófica sobre la idea de Saturno. Para ello, se centra en el estudio del carácter saturnino en la filosofía de Walter Benjamin, según las concepciones que este toma explícitamente como referencia, tanto renacentistas como modernas. Su objetivo principal es considerar, a través de la forma de Saturno, la transformación histórico-cósmica que condujo del Renacimiento al Antropoceno.

Palabras clave

Saturno; Antropoceno; astrología; demonología; cosmología; modernidad.

CÉU. Em sonho saí de uma casa e olhei o céu noturno. Um selvagem resplandecer emanava dele. Pois, estrelado como ele estava, as imagens segundo as quais se formam conjunções de estrelas estavam ali, em sensível presença. Um leão, uma virgem, uma balança e muitas outras fixavam, como densas massas siderais, a Terra aqui embaixo. Nenhuma lua estava à vista.¹

I

Segundo Walter Benjamin, um "traço dialético da concepção de Saturno" manifesta-se na magia natural do Renascimento:

quando a distância que separa a Terra do planeta, e a correspondente longa duração da sua órbita, deixa de ser interpretada no sentido de um mau prenúncio para ser vista como sinal da razão divina que atribuíra esse lugar mais distante ao planeta ameaçador, como uma bênção.²

Isso significa nada menos que uma total reviravolta da cosmologia astrológica proveniente do neoplatonismo tardio, como a de Juliano, de orientação predominantemente solar.³ Em sua expressão psicológica, essa revolução implica o reconhecimento cabal do humor saturnino, a melancolia, como associada à potência espiritual da alma. Com isso, segue Benjamin, "o Renascimento levou a cabo, com um radicalismo nunca atingido pelos antigos, a reinterpretar a melancolia saturnina no sentido de uma doutrina do gênio".⁴ Por isso, a melancolia representa um problema sui generis: "A imagem do melancólico colocava a esse tempo, empenhado em aceder, a todo custo, às fontes ocultas do conhecimento da natureza, a questão de como seria possível roubar a Saturno as energias espirituais sem cair na loucura".⁵ Assim formulado por Benjamin, tal problema exprime a encruzilhada de magia e ciência na origem espiritual do Antropoceno.⁶ Ele indica um decisivo elemento anímico e cósmico para a emergência desastrosa, promovida pela ciência como magia experimental, da idade do homem na Terra. Esse elemento, um astro celeste, é Saturno.

II

Jean Starobinski afirma que *De vita coelitus comparanda* de Marsilio Ficino, tratado canônico da astrologia filosófica renascentista, tem por objetivo "ensinar a tirar partido da influência favorável da melancolia e a conjurar os perigos que não cessam de acompanhá-la"⁷ e assim promover a "restauração espiritual":

¹ Benjamin, *Rua de mão única*, "Lembranças de viagem", p. 79.

² Benjamin, *Origem do drama trágico alemão*, p. 155.

³ Cf. Juliano, *Discurso sobre o Rei Hélios*.

⁴ Benjamin, *Origem do drama trágico alemão*, p. 157.

⁵ Benjamin, *Origem do drama trágico alemão*, p. 158.

⁶ Para o significado filosófico do conceito de Antropoceno, cf. Danowski; Viveiros de Castro, *Há mundo por vir?*.

⁷ Starobinski, *A tinta da melancolia*, p. 52.

Um grave perigo espreita os intelectuais: a perda excessiva do espírito sutil (*spiritus*) que serve de instrumento à alma imaterial, e que a atividade intelectual consome em grandes quantidades. Essa combustão provoca uma discrasia melancólica extremamente perniciosa, nefasta sobretudo para os que lhe estão predestinados pelo astro que presidiu o seu nascimento — Saturno. Mas é igualmente a Saturno e à melancolia que o filósofo, o poeta, o intelectual devem seus dons contemplativos. O temperamento melancólico comporta uma profunda ambiguidade: gênio e doença podem igualmente decorrer dele. Ter nascido sob o signo de Saturno, como Ficino, implica a um só tempo privilégios soberanos e riscos consideráveis. Tudo deve ser posto em ação — higiene, dieta, remédios, orações — para conjurar os aspectos perigosos desse destino. A tarefa mais urgente é providenciar uma “recarga” de *spiritus*, que nos devolverá a energia substancial que perdemos.⁸

Uma exorbitante combustão anímica do *spiritus* demanda a obtenção e acumulação máxima das reservas cósmicas dessa mesma substância combustível. Corroborando a interpretação benjaminiana da dialética saturnina, Starobinski evoca a figura astrológica proveniente da antiga tradição mediterrânea e médio-oriental do *kakòs daímon*. Não é à toa que a metafísica moderna da subjetividade, com o seu início prototípico nas *Meditações* de Descartes, tenha principiado com a invocação ritualística dessa figura ancestral. A sua própria designação — *kakòs daímon*, literalmente “espírito ruim”, *malin génie* — explicita a dialética referida por Benjamin, pois reitera, mediante uma expressão supostamente unívoca, a permanente tensão entre bênção e doença, espiritualidade e loucura, genialidade e malignidade, na ideia mesma de Saturno.

III

No capítulo XXII de *De vita coelitus comparanda*, intitulado “Sete modos pelos quais podemos nos acomodar às coisas celestes; a quem Saturno é maléfico, a quem é propício; quem Júpiter defende de Saturno; de que modo o céu age no espírito, no corpo e na alma”,⁹ Ficino explicita bases cosmológicas e filosóficas da sua astrologia especulativa, elaborando uma imagem complexa e em si mesma controversa de Saturno:

Por sua vez, a mente contemplativa, visto que reclama para si uma vida separada não apenas do que sentimos mas também do que imaginamos conforme as maneiras humanas comuns, retirando-se em afeto e intenção, expõe-se de algum modo a Saturno. A ela somente Saturno é propício. Pois, assim como o Sol é inimigo dos animais noturnos, mas amigo dos diurnos, assim também Saturno é adverso aos seres humanos que levam uma vida pública ordinária e mesmo àqueles que, fugindo aos costumes do vulgo, não demitem, porém, o afeto vulgar. É que Saturno concede a Júpiter a vida comum e reivindica para si uma vida separada e divina. [...] E ele é ainda mais hostil aos seres humanos que simulam uma vida contemplativa mas não agem contemplativamente. [...] Tu não debes negligenciar o poder de Saturno. Os Árabes dizem que ele é o mais potente de todos. Os planetas submetem as suas forças aos de que se aproximam, e todos se aproximam dele, em vez do contrário; os planetas que estão conjuntos a ele agem de acordo com a sua natureza. De todos os planetas é ele que dirige a esfera mais ampla, sendo a sua cabeça, coração e olho (assim como os demais planetas com respeito às suas próprias esferas). Saturno é também próximo das inúmeras estrelas fixas, e é muito semelhante ao *primum mobile*, pois transita por um longo circuito. Ele é o mais

⁸ Starobinski, *A tinta da melancolia*, pp. 96-97.

⁹ Ficino, *Three Books on Life*, pp. 362-363.

elevado dos planetas. Por isso, chama-se feliz aquele a quem ele felicita. Apesar de a maioria das pessoas o temer como estranho à vida humana comum, os Árabes consideram que ele é agradável mesmo a essa vida, quando ascende com grande poder e dignidade, ou se Júpiter, o seu moderador, o aspecta favoravelmente ou se o acolhe em seus próprios termos. Por outro lado, quando é recebido inoportunamente em matéria por demais grosseira, o seu influxo é como veneno. E não são somente aqueles que recorrem a Júpiter que escapam ao influxo nocivo de Saturno, mas também os que se entregam com toda a mente à contemplação divina significada por Saturno. Os Caldeus, os Egípcios e os Platônicos acreditam que, por meio desse pacto, é possível evitar a malignidade do destino. Pois eles afirmam que os celestes não são corpos vazios, mas corpos divinamente animados e dirigidos por mentes divinas, de maneira que, ao transmitir coisas boas aos seres humanos, não o fazem somente ao corpo e ao espírito, mas também à alma, e não à alma a partir dos seus corpos, mas à alma a partir das suas almas. [...] Digna de nota é a afirmação de Jâmblico: “As divindades cósmicas e celestes têm em si poderes superiores aos seus e também inferiores”. Pelos últimos, elas nos vinculam aos efeitos do destino, e pelos primeiros elas nos liberam dele — como se tivessem duas chaves, assim diz Orfeu, para abrir e fechar. Sobretudo, a divindade do mundo superior realmente nos redime da necessidade fatal.¹⁰

Do ponto de vista cosmológico, o texto de Ficino é genuinamente hermético, e de um hermetismo ainda mais sincrético que o alexandrino, pois a autoridade determinante dos Árabes se soma nele à dos Caldeus, Egípcios e Platônicos. Frente à tradição helenística de orientação solar, Ficino defende que Saturno é “o mais potente de todos”, *omnium potentissimum*, propondo com isso a sublimidade do planeta mais trevoso. É a lentidão, a lonjura e a fatuidade de Saturno que o tornam sublime entre as potestades celestes, mas, ao mesmo tempo, “estranho” (*alienum*) à vida comum. Isso implica uma resignificação total do planeta: em vez de treva profunda, ele porta imensa luz, só que remota; em vez de desintegração generalizada, promove restauração, porém supralunar; em lugar de loucura e morte, “influi” vida divina, mas separada da comunidade dos mortais. Saturno guarda, portanto, uma duplicidade essencial: se, em seu poder inferior, ele é fatalmente nocivo, em seu poder superior, ele redime os viventes dessa mesma fatalidade nociva.

IV

A dialética de Saturno consiste no paradoxo mesmo do destino: se tudo já está dado, por que qualquer coisa jamais precisaria acontecer? É que tudo depende, segundo Ficino, da “comparação” entre os corpos e as almas de cima e os corpos e as almas de baixo. Influxo astral e mimese animal ajustam-se reciprocamente para a formação, sempre em curso, do destino. Assim, o valor astrológico dos planetas, se benéficos ou maléficos, e das suas posições e aspectos, se favoráveis ou desfavoráveis, advém do ajustamento metacósmico entre terra e céu: “Não só o ser humano mas todas as coisas de baixo preparam-se para captar as coisas celestes”.¹¹

¹⁰ Ficino, *Three Books on Life*, pp. 364-369.

¹¹ Ficino, *Three Books on Life*, pp. 362-363.

V

Como "grande feito" astrológico e filosófico de Ficino, Angela Voss ressalta a transfiguração anímica da ideia de Saturno: da maldição do *kakòs daímon* em benção do *agathòs daímon*, consistindo esta última na melancolia genial realizada na forma da contemplação mística da divindade na natureza.¹² Mas tal feito pressupõe igualmente o seu oposto complementar. É neste segundo sentido que Saxl & Panofsky reconstroem a doutrina saturnina renascentista:

O sistema de Ficino — e este foi talvez o seu grande feito — intencionava dar à imanente contradição de Saturno um poder redentor: o melancólico por dom — o qual sofria sob Saturno, enquanto este atormenta o corpo e as faculdades inferiores com tristeza, medo e depressão — pode se salvar voltando-se ativa e voluntariamente para o mesmo Saturno. O melancólico deveria, em outras palavras, aplicar-se por sua própria vontade àquela atividade que é o domínio particular da estrela sublime da contemplação, e que o planeta promove tão poderosamente quanto impede e fere as funções ordinárias do corpo e da alma — ou seja, a contemplação criativa da *mens*. Como inimigo opressor de toda vida que esteja de algum modo sujeito ao mundo presente, Saturno gera melancolia; porém como amigo e protetor da existência intelectual mais pura e elevada, ele também pode curá-la.¹³

O recurso aos astros benéficos para o tratamento da melancolia seria, no final das contas, "meramente paliativo": "Em última instância, o ser humano saturnino não pode fazer nada mais — e certamente nada melhor — senão abraçar o seu destino e resignar o seu coração e a sua alma à vontade dessa estrela".¹⁴

VI

Dorian Greenbaum afirma que o "lugar [celeste] do mau espírito"¹⁵ — a Casa XII do horóscopo natal, interpretada na Antiguidade mediterrânea como o "templo" no qual Saturno se rejubila — constitui um "espaço liminar entre luz e treva (que pode ser ocupado pela presença do divino, maravilhoso ou desastroso)", "lugar de incerteza e perigo, de coisas sobre as quais não se tem nenhum controle": "Para a astrologia, esse é o lado escuro [*the dark side*] do *daímon*".¹⁶ Greenbaum dedica-se a elucidar as razões astrocosmológicas pelas quais a Casa XII é, via de regra, tida como um lugar maldito. O capítulo inicia-se com uma "breve história dos maus espíritos" — mesopotâmicos (*utukke lemnuti*), egípcios (*ntr.w*), gregos (*ker*), judaicos (*sedim*) e cristãos (*daimonion*)¹⁷ — para, em seguida, interpretar o significado do seu posicionamento estrutural angular no esquema da natividade. No sistema antigo de domificação por signos inteiros, trata-se dos últimos trinta graus do círculo zodiacal, contados em sentido anti-horário. Por que a Casa XII, que consoma a aventura da alma pelo zodíaco tropical, coincide com o lugar do mau espírito? Em primeiro lugar, explica Greenbaum, há "razões geométricas para ser mau [*for being bad*]": esse lugar, a Casa XII, é "*apóstrophos* e *asúndetos*, aversivo e

¹² Cf. Voss, *The Astrology of Marsilio Ficino*.

¹³ Saxl; Panofsky, *Saturn and Melancholy*, pp. 270-271.

¹⁴ Saxl; Panofsky, *Saturn and Melancholy*, p. 271.

¹⁵ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 154.

¹⁶ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 155.

¹⁷ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, pp. 116-139.

inconjuncto, sem aspecto com o Ascendente, uma condição pior que a quadratura e a oposição [aspectos 'maléficos'], pois ausência de aspecto significa impossibilidade de relação com o Ascendente, o qual representa a vida mesma (zoé)"; e complementa: "Essa pode ser uma razão pela qual a Casa XII, em particular, representa o parto, com todos os seus riscos inerentes e falta de controle".¹⁸ A isso a autora acrescenta o fato de que a Casa XII é "um dos quatro lugares chamados *apoklímata* ('declínios'), isto é, cadentes dos ângulos principais do horóscopo", "geralmente associados aos aspectos mais desagradáveis da vida, embora haja 'bons declínios', as Casas III e IX, os lugares da Deusa Lua e do Deus Sol, respectivamente".¹⁹ Greenbaum procede então a um levantamento dos significados principais da Casa XII desde as fontes primárias da astrologia helenística (Manílio, Vettius Valens, Paulo de Alexandria, Dorotheus, Firmicus Maternus, Rethorius, entre outros), as quais concordam quase unanimemente na tomada desse setor horoscópico como sendo o lugar do *bad daímon* (a grande exceção é Manílio, que entende ser a Casa IV, o Fundo do Céu, o lugar do júbilo de Saturno). Eis alguns dos significados da Casa XII coligidos por Greenbaum: término, vício, queda, exílio, parto, doença mental, terra estrangeira, grandes animais, inimigos ocultos, confinamento, morte violenta — e, talvez o mais significativo de todos, lugar "metacósmico". Esse último significado consta da obra de Rethorius:

Ele oferece uma compreensão mais profunda dos lugares cadentes, chamando-os *metakósmios*, entre-mundos. Reconhece que esse lugares são todos transições entre diferentes condições espaciais e temporais: dia e noite, levante e queda, escuridão e luminosidade. Eles correspondem aos espaços liminares tão amados pelos gregos como aqueles em que sonhos proféticos e contatos divinos podem acontecer. Mas esses estados podem ser não só arrebatadores como também terríficos. As Casas III e IX representam, o mais das vezes, o lado positivo dessa numinosidade, ao passo que as Casas VI e XII o seu lado obscuro, no qual os medos e terrores da vida psíquica ganham realidade física. [...] É por isso que Dorotheus os chama de "o pior do pior" (*kákistos*).²⁰

Eis, portanto, a conclusão sumária de Greenbaum sobre o templo astrológico de Saturno: "A Casa XII representa o laço com algo que é divino, mas incognoscível e misterioso, sobre o qual não há controle", de modo que "os eventos negativos que ela representa conduzem frequentemente ao desespero e à incapacidade, devido a essa desesperança, de ver qualquer saída ou escape daqueles estados desafortunados".²¹ Em vista das considerações de Benjamin e Starobinski sobre a terapêutica astral de Ficino contra a melancolia, temos nada menos que "desespero" abissal e inconsolável como fator saturnino de vinculação entre genialidade e loucura, espiritualidade e malignidade, divindade e catástrofe, no limite mais extremo da existência cósmica. O que se encontra no fim de tudo? O numinoso ou o nefasto? Haverá diferença?

¹⁸ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 142.

¹⁹ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 140.

²⁰ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 145.

²¹ Greenbaum, *The Daimon in Hellenistic Astrology*, p. 146.

VII

Há uma simpatia profunda entre a doutrina de Saturno e a "tradição hermética".²² Comprovamos essa relação a propósito de Ficino, que se serve grandemente do hermetismo para estabelecer uma afinidade espiritual com Saturno. Segundo Benjamin, em *Origem do drama barroco alemão*, o pensamento especulativo de Jakob Böhme transcorre no mesmo registro hermético, com a "doutrina da linguagem natural": "a linguagem falada é a esfera da manifestação livre e primordial da criatura"; "contra ela, a imagem da escrita escraviza as coisas nos labirintos excêntricos da significação".²³ A linguagem "criaturas" reside nos sons e nas vozes, e não nas palavras nem nos significados. A "assinatura" de uma coisa — a saber, a marca nela impressa de sua situação cósmica — não é de ordem literal, mas puramente musical. A palavra não é senão o canto de cada criatura. Benjamin cita a *Signatura rerum*: "Todas as coisas têm a sua boca para se revelarem. Essa é a linguagem da natureza, pela qual cada coisa fala a partir dos seus atributos e se revela sempre em si mesma".²⁴ No décimo capítulo de *Aurora*, obra cujo subtítulo diz "A raiz ou mãe da filosofia, da astrologia e da teologia a partir de fundamento certo",²⁵ Böhme identifica o sexto "espírito originário divino" a Mercúrio, compreendido como "o eco e o som, em que tudo ecoa e soa, de que resulta a fala e a distinção das coisas, assim como o tom e o canto dos santos anjos, e em que reside a formação de todas as cores e da beleza e, com isso, o reino celestial das alegrias".²⁶ O eco, o som, o tom e o canto, justamente com a voz, perfazem nada menos que o "raio de luz e vida" das coisas, a sua "assinatura" ou forma criatural. A essência de algo é a sua canção. E quanto a Saturno? Qual é a sua assinatura? O que ele é enquanto "espírito originário"? Qual é a sua canção? O último capítulo de *Aurora* intitula-se justamente "Sobre o planeta Saturno", a encerrar provisoriamente o seu itinerário de "investigação da essência divina na natureza". Característica marcante da especulação mística de Böhme é a indistinção espiritual entre conceito e imagem. Espíritos, sabores, sons, elementos são todos concomitantes na ordem do seu discurso, explicando-se uns pelos outros. Mas esses componentes de naturezas qualitativamente tão diversas são relacionados segundo três planos de significação bastante definidos, as "três gerações da divindade", éons sobrepostos de manifestação da "essência divina na natureza": espiritual, astral e corporal. Essa natureza tríplice compõe o cosmos em todas as suas instâncias, formando-o como "o corpo vivo de deus". Assim, os três primeiros parágrafos do último capítulo, sobre a natureza específica de Saturno, explicitam as suas características principais enquanto espírito, astro e corpo:

1. Saturno, o regente frio, acre e severo, austero, toma o seu começo e origem não do Sol, pois ele tem em seu poder a câmara da morte, sendo um ressecador de todas as forças; disso resulta a corporalidade. 2. Assim como o Sol é coração da vida e uma fonte de todos os espíritos no corpo deste mundo, Saturno é o precursor de toda corporalidade e apreensibilidade; e encontra-se no poder desses dois planetas o corpo inteiro deste mundo, e nenhuma criatura ou formação, bem como nenhuma mobilidade, pode surgir fora do poder

²² Cf. Yates, *Giordano Bruno e a tradição hermética*.

²³ Benjamin, *Origem do drama trágico alemão*, pp. 218-219.

²⁴ Benjamin, *Origem do drama trágico alemão*, pp. 218-219.

²⁵ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 5.

²⁶ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 106.

de ambos no corpo natural deste mundo. 3. Mas a sua fonte é a angústia grave, severa e austera do corpo todo deste mundo, pois, quando no tempo da inflamação da cólera, a luz da geração mais exterior se extinguiu — geração que é a naturalidade ou apreensibilidade ou a ascensão da geração de todos os espíritos originários —, então a qualidade austera estava em sua geração mais acre e severa, e ela contraiu de modo inteiramente severo e austero a operação de todos os espíritos originários. Disso sugeriram a Terra e as pedras. E era justamente a casa da morte ou a reclusão da vida; lá dentro, então, o Rei Lúcifer foi aprisionado.²⁷

Saturno consiste, portanto, na potência gerativa de contração de espírito em corpo, transmutação de luz em pedra, condensação do Sol na Terra. Ele engendra rocha a partir de estrela. Para Böhme, a operação alquímica de Saturno é uma dimensão processual do próprio deus. Ela perfaz a "caixa craniana" do cosmos, dentro da qual os pensamentos divinos são gerados. *Tsimtsum*. Paradoxalmente, sem Saturno, deus não poderia sequer pensar. Isso se confirma em uma série de parágrafos, todos numerados, sobre a "grande profundidade":

53. Agora percebe: se consideras e pensas o que seja neste mundo e fora deste mundo ou o que seja a essência de todas as essências, então especulas ou consideras o corpo inteiro de deus, que é a essência de todas as essências e é uma essência sem começo. 54. Ele não tem, em sua própria sede, mobilidade, racionalidade ou apreensibilidade, mas é uma profundidade trevosa, que não tem começo nem fim. Lá dentro não é espesso nem delgado, mas é uma câmara trevosa da morte, lá nada se sente, não é frio nem quente, é sim o fim de todas as coisas. 55. Pois este é o corpo da profundidade ou a verdadeira câmara da morte. 56. Mas nesse vale trevoso estão os sete espíritos de deus, que também não tem começo nem fim, e nenhum deles é o primeiro, o segundo, o terceiro e o último. [...] 61. Tal casa é toda a profundidade de fora, dentro e acima de todos os céus, e a casa se chama eternidade. E tal casa é também a casa da carne nos seres humanos e em todas as criaturas. [...] 66. Mas, uma vez que o coração da divindade se oculta no corpo deste mundo na geração mais exterior, que é a corporalidade, logo este é uma casa trevosa e tudo nela está em grande angústia e carece de uma luz que brilhe na câmara da treva, luz que é o Sol, até que o coração de deus se mova nos sete espíritos divinos na casa deste mundo e os acenda.²⁸

Ao comparar os dois segmentos citados, é inevitável concluir que, sob certo aspecto, Saturno é mais que uma das sete estrelas e, até mesmo, mais que um dos sete espíritos originários, pois se confunde com o próprio corpo divino da profundidade. Saturno é, em última instância, a "câmara da morte", na qual se acham aprisionadas e contraídas, "angustiadas", todas as forças cósmicas, sejam espirituais ou elementais. Ele é a casa do próprio Sol, a profundidade trevosa implícita em seu vasto esplendor. Como corolário hermético ao conceito saturnino da divindade, Böhme ressalta que toda criatura, inclusive o ser humano, experimenta em si mesma, em sua própria carne, seja de sangue, seiva ou veio, a abissal angústia pré-cósmica de deus. E mais: se é na "casa da morte" que o Rei Lúcifer se encontra aprisionado, e se é nessa mesma casa que se oculta o coração de deus, ou seja, o Sol, é preciso concluir também que, sob certo aspecto, a divindade, além de saturnina, é igualmente luciferina. Em Saturno, deus e o seu antagonista coincidem completamente. Eis a monstruosa teocosmologia, a "teosofia", de Böhme. Essa sua monstruosidade, resultante da integração plena de espiritualidade e

²⁷ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 341.

²⁸ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, pp. 346-349.

corporalidade, constitui a marca de sua pertença à tradição hermética. E, mais importante, trata-se de uma variante dessa tradição por princípio refratária ao ideal humanista de dominação e controle da natureza, igualmente disseminado no Renascimento europeu. No parágrafo 131, um dos últimos de *Aurora*, lemos: "o leitor deve ter em conta que não está no poder de um ser humano conhecer ou saber essas coisas, a não ser que a aurora irrompa no centro da alma".²⁹ Em seus próprios termos, a atitude espiritual de Böhme é refratária ao exercício pretensamente autônomo da racionalidade humana no conhecimento da natureza enquanto corpo vivo da divindade: "Pois estes são mistérios divinos, que homem nenhum pode investigar a partir da sua razão".³⁰ E o místico vai ainda mais longe, identificando na configuração atual do corpo divino o motivo para a limitação essencial da sua própria racionalidade: "Pois eu não posso apreender os espíritos originários enquanto eles estiverem na câmara angustiosa".³¹ É preciso que o dia nasça, que a aurora finalmente ascenda.

VIII

Ele era o que os franceses chamam *un triste*. Em sua juventude, parecia marcado por uma "tristeza profunda", escreveu Scholem. Considerava-se um melancólico, desdenhando os rótulos psicológicos modernos e invocando a tradição astrológica: "Vim ao mundo sob o signo de Saturno — o astro da revolução mais lenta, o planeta dos desvios e atrasos". Seus principais projetos [...] não podem ser plenamente compreendidos a menos que se entenda a que ponto se alicerçam em uma teoria da melancolia. Benjamin projetou a si mesmo, seu temperamento, em todos os seus temas principais, e seu temperamento determinava os assuntos sobre os quais escrevia.³²

É assim que Susan Sontag comenta a caracterização saturnina que Benjamin faz de si mesmo. Três testemunhos astrológicos poderiam justificá-la: (i) o nativo vem à luz sob o signo zodiacal de Capricórnio, regido por Saturno, no Meio do Céu, ponto culminante da sua natividade; (ii) posicionado na Casa VI, no signo de Virgem, esse mesmo planeta faz uma perfeita antíscia (conjunção por grau de luminosidade) com o grau do Ascendente em Áries; (iii) o planeta regente do Ascendente, Marte, está posicionado na Casa XI, em Aquário, signo também regido por Saturno, que o acolhe em seu domínio. Isso significa que Benjamin nasce sob Saturno, com Saturno e em Saturno; sua natividade horoscópica é exponencialmente saturnina. O texto citado por Sontag pertence a um breve e enigmático ensaio autobiográfico intitulado "*Agesilaus Santander*". Ela o comenta: "O título do texto — que se converte na figura do desenho de Paul Klee de que era dono, *Angelus Novus* — é, como Scholem apontou, quase um anagrama de *Der Angelus Satanas*".³³ Benjamin menciona explicitamente o desenho de Klee como imagem projetada pelo seu próprio *daímon*:

No quarto em que por último morei, aquele que viera à luz vestido com a armadura do antigo nome logo fixou a sua imagem junto a mim: Anjo Novo. A Cabala conta que Deus cria a cada

²⁹ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 357.

³⁰ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 357.

³¹ Böhme, *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*, p. 357.

³² Sontag, *Sob o signo de Saturno*, p. 107-108.

³³ Sontag, *Sob o signo de Saturno*, p. 115.

instante inúmeros anjos novos, destinados, antes de se desfazerem no nada, a cantar em louvor diante do seu trono. O meu foi interrompido nisso: os seus traços não tinham nada de humano. Além disso, retribuiu-me por ter sido perturbado em sua obra. Aproveitando-se da circunstância de que vim ao mundo sob Saturno — o planeta da revolução lenta, o astro da hesitação e do atraso —, ele expediu a sua forma feminina, o duplo da forma masculina na imagem, pelo desvio mais longo e funesto, embora tenham estado sempre tão próximas.³⁴

Trata-se, sem dúvida, da figuração mais íntima e profana, amorosa, do protagonista angélico da Tese IX, de *Sobre o conceito da história*.³⁵ Em linguagem cabalística, o elemento comum às três figurações — *Angelus Novus*, *Der Angelus Satanas*, *Agesilaus Santander* — consiste em sua referência ao processo cosmogônico do “exílio místico da *Shechinah*, causado pela ruptura dos vasos”, como explica Gershom Scholem:

Parte da luz que estivera nos vasos retomou o caminho de volta à sua fonte, mas o resto foi lançado para baixo com os próprios vasos e, a partir desses cacos, as forças obscuras ganharam substância. Esses cacos são também a origem da matéria grosseira. A pressão irresistível da luz nos vasos também obrigou todas as hierarquias do mundo a descenderem de seus lugares até então atribuídos. Todo o processo do mundo tal como o conhecemos, portanto, variou sua ordem e sua posição originalmente pretendidas. Nada, nem a luz, nem os vasos, permaneceu no lugar apropriado, e esse desenvolvimento — “a morte dos reis primordiais” — foi nada mais, nada menos que uma catástrofe cósmica.³⁶

Assim também, puxado pela tempestade que “sopra do paraíso” em sentido contrário ao seu ímpeto redentor de “acordar os mortos e juntar os fragmentos”³⁷ — isto é, promover o *tikkun* —,³⁸ o “Anjo da História” percorre a curva dialética de Saturno. Ele é Agesilaus Santander: “Assim, mal te vi pela primeira vez e retornei contigo para o lugar de onde vim”.³⁹

IX

Se, como afirma Voss a propósito de Ficino, “quanto mais se está livre do literal, menos a alma é limitada por definições”,⁴⁰ de modo que, mediante uma operação antes divinatória que cognitiva, a maldição de Saturno se transforma em benção e a melancolia destrutiva em contemplação divina, Benjamin vai mais longe em sua interpretação da imaginação astrológica predominante no Renascimento ao discernir na “faculdade mimética” a condição existencial de possibilidade para a influência dos astros sob a forma do destino. Embora não vise especificamente a filosofia renascentista, mas antes o pensamento quase imemorial de “povos antigos e primitivos”, as considerações de Benjamin são extremamente

³⁴ Benjamin, “Agesilaus Santander” [Erste Fassung], in: *Gesammelte Schriften* VI, p. 521.

³⁵ Benjamin, *Sobre o conceito da história*, p. 226.

³⁶ Scholem, *Cabala*, p. 177.

³⁷ Benjamin, *Sobre o conceito da história*, p. 226.

³⁸ “Essa doutrina mística, que Benjamin conhecia por intermédio de conversas com o amigo Scholem, a meu ver parece ter deixado traços profundos em sua concepção da história. Para ele, também, o mundo está em pedaços e a história se assemelha a um ‘amontoado de ruínas’. A salvação não consiste em uma recriação inteiramente nova, mas em um longo e paciente recolhimento desses pedaços perdidos e dispersos” (Gagnebin, *Walter Benjamin*, p. 77).

³⁹ Benjamin, “Agesilaus Santander” [Erste Fassung], in: *Gesammelte Schriften* VI, p. 521.

⁴⁰ Voss, *The Astrology of Marsilio Ficino*, p. 40.

pertinentes com respeito, sobretudo, à passagem metacósmica do Renascimento à modernidade. A “doutrina das semelhanças” se extingue ou, no mínimo, se desfigura por completo com o advento da crítica moderna, pois esta rejeita a semelhança, substituindo-a pela representação, como operador da imaginação cosmológica, então transcendental. O ensaio que Benjamin dedica a essa “doutrina”, que, não por acaso, coincide com a de Saturno, parte da seguinte constatação: “Um olhar lançado à esfera do ‘semelhante’ é de importância fundamental para a compreensão de grandes setores do saber oculto. Porém, esse olhar deve consistir menos no registro das semelhanças encontradas que na reprodução dos processos que engendram tais semelhanças. A natureza engendra semelhanças”.⁴¹ Alguns pontos se destacam dessa colocação de princípio: a tomada do “saber oculto” como referência epistemológica principal; a proposição de que, no conhecimento, importam acima de tudo os processos que geram semelhanças; e a compreensão de que esses processos são naturais, porque desencadeados por forças cósmicas que não se restringem à capacidade humana de apreensão e produção de semelhanças. Mas a tese central da reflexão de Benjamin é a de que a doutrina das semelhanças tem por condição a faculdade mimética, a “imitabilidade”⁴² intrínseca a todos os seres que fazem parte do cosmos:

[...] aquilo que podemos perceber em termos de semelhanças, por exemplo, entre muitas faces, em arquiteturas e formas vegetais, em certas formas nefélicas e erupções cutâneas, não são senão minúsculos aspectos parciais de um cosmos de semelhança. Prossegue-se e busca-se tornar claro que essas semelhanças não são só comparações acidentais inseridas de nossa parte nas coisas, mas que todas elas – como a semelhança entre pais e filhos – são impactos de uma força que age propriamente nas coisas, uma força mimética.⁴³

Em outros termos, se a semelhança resulta da simpatia (é, aliás, também a tese de Foucault),⁴⁴ a simpatia resulta da mimese, a saber, da faculdade de percepção e produção de afinidade por meio de “um ajustamento perfeito à ordem cósmica”.⁴⁵ Segundo Benjamin, a própria linguagem humana é resultado da aplicação da faculdade mimética a um tipo de “semelhança extra-sensível”, tanto entre palavra e coisa quanto entre palavra falada e palavra escrita.⁴⁶ Trata-se aqui da “magia da linguagem”,⁴⁷ tão cara a Benjamin: sem mimese, não há semiose. Nisto se fundamenta o “caráter de experiência” da astrologia:

Foi a semelhança que permitiu, há milênios, que a posição dos astros produzisse efeitos sobre a existência humana no instante do nascimento. [...] Para compreendermos esse exemplo, temos que conceber o horóscopo como uma totalidade espiritual, cuja análise cabe à interpretação astrológica. Devemos aceitar o princípio de que os processos celestes fossem imitáveis pelos antigos, tanto individual quanto coletivamente, e de que essa imitabilidade contivesse prescrições para o manejo de uma semelhança já existente, preexistente. Essa imitabilidade pelo ser humano, ou a faculdade mimética que este possui, constitui, por ora, a única instância capaz de assegurar à astrologia o seu caráter de experiência. Se o gênio

⁴¹ Benjamin, “A doutrina das semelhanças”, p. 108.

⁴² Benjamin, “A doutrina das semelhanças”, pp. 109-110.

⁴³ Benjamin, “Sobre a astrologia”, in: *Gesammelte Schriften* VI, p. 192.

⁴⁴ Foucault, *As palavras e as coisas*, p. 83-114.

⁴⁵ Benjamin, “A doutrina das semelhanças”, p. 110.

⁴⁶ Benjamin, “A doutrina das semelhanças”, p. 111.

⁴⁷ Benjamin, “Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem”, pp. 53-54.

mimético foi verdadeiramente uma força determinante na vida dos antigos, eles não poderiam deixar de atribuir ao recém-nascido a plenitude desse dom, concebido sobretudo como um ajustamento perfeito à ordem cósmica.⁴⁸

Logo, a faculdade mimética constitui, por sua plena eficácia simbólica, base suficiente para a verificação do valor divinatório e mesmo epistêmico da astrologia como saber oculto ancestral. É porque os seres humanos imitam em todos os seus atos os processos cósmicos que o saber astrológico é não apenas válido, como também, "para os antigos", cosmologicamente necessário. Para lembrarmos a distinção feita por Plotino na Segunda Enéada, "os astros não fazem mas significam",⁴⁹ pois a sua influência é efetiva somente sob a condição de que os seres sobre os quais exercem a sua influência sejam capazes de imitá-los. Ao influxo celeste, a semelhança preexistente, responde concomitantemente o refluxo terrestre, a imitabilidade. Isso não se aplica historicamente apenas aos antigos: "O dom de ser semelhante do qual dispomos nada mais é que um fraco resíduo da violenta compulsão, a que estava sujeito o ser humano, de tornar-se semelhante e agir segundo a lei da semelhança".⁵⁰ Significa que os modernos somos mais livres do que eles perante a lei do destino? Muito pelo contrário:

A faculdade extinta de tornar-se semelhante ia muito além do estreito universo em que hoje podemos ainda ver as semelhanças. [...] nossa percepção não mais dispõe do que antes permitia falar de uma semelhança entre uma constelação e um ser humano. [...] Sabe-se que o círculo existencial regido pela lei da semelhança era outrora muito mais vasto. Era o domínio do micro- e do macrocosmos [...]. Para os homens dos nossos dias, pode-se afirmar que os episódios cotidianos em que eles percebem conscientemente as semelhanças são apenas uma fração dos inúmeros casos em que a semelhança os determina, sem que eles disso tenham consciência. [...] O universo do homem moderno parece conter aquelas correspondências mágicas em muito menor quantidade que a dos povos antigos ou primitivos.⁵¹

Ocorre, portanto, uma defasagem radical da experiência moderna, em relação à antiga e à renascentista, com a redução da semelhança à significação como forma de linguagem exclusivamente humana. Com ela, está posta a alienação cósmica do espírito humano.

X

À saída, o último "número" de *Rua de mão única*, "A caminho do planetário", expõe a ruptura desastrosa e catastrófica entre mimese e semiose na modernidade:

Nada distingue tanto o homem antigo do moderno quanto sua entrega a uma experiência cósmica que este último mal conhece. O naufrágio dela anuncia-se já no florescimento da astronomia, no começo da Idade Moderna. Kepler, Copérnico, Tycho Brahe certamente não eram movidos unicamente por seus impulsos científicos. Mas, no entanto, há no acentuar exclusivo de uma vinculação óptica com o universo, ao qual a astronomia muito em breve

⁴⁸ Benjamin, "A doutrina das semelhanças", pp. 109-110.

⁴⁹ Plotino, *Enéadas* II-3.

⁵⁰ Benjamin, "A doutrina das semelhanças", p. 113.

⁵¹ Benjamin, "A doutrina das semelhanças", pp. 108-109.

conduziu, um signo precursor daquilo que tinha de vir. [...] É o estranho descaminho dos modernos considerar essa experiência como irrelevante, como descartável, e deixá-la por conta do indivíduo como devaneio místico em belas noites estreladas. Não, ela chega sempre de novo a seu termo de vencimento, e então povos e gerações lhe escapam tão pouco como se patenteou da maneira mais terrível na última guerra, que foi um ensaio de novos, inauditos esponsais com as potências cósmicas. Massas humanas, gases, forças elétricas foram lançadas ao campo aberto, correntes de alta frequência atravessaram a paisagem, novos astros ergueram-se no céu, espaço aéreo e profundezas marítimas ferveram de propulsores, e por toda a parte cavaram-se poços sacrificiais na Mãe Terra.⁵²

A doutrina das semelhanças colapsa com a conversão da faculdade mimética em faculdade de representação. Tal colapso espiritual possui como inevitável consequência a devastação irreversível do cosmos, uma vez que a antropização ilimitada do ambiente cósmico não é possível sem aquela conversão anímica, da qual resulta a determinação da natureza cósmica pelas formas do entendimento humano. Desponta o crepúsculo luciferino.

XI

Por volta de 1921, Benjamin redige um fragmento intitulado "O capitalismo como religião", texto filosófico-profético que indica a natureza espiritual do Antropoceno. Em lugar de sistema econômico, o capitalismo é interpretado pelo filósofo saturnino como religião do "desespero universal", "religião puramente cultural", "sem dogmática nem teologia", "culto de danação permanente", culpabilizador: "Tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa lança mão do culto, não para expiá-la mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência. [...] Ela é a expansão do desespero ao estado religioso universal".⁵³ Benjamin chega a uma proposição definitiva sobre a dialética histórica de Saturno, que não é de todo inteligível se não se considera o seu teor astrológico: "a passagem do planeta 'ser humano' pela casa do desespero na solidão absoluta de sua órbita" — uma "situação sem saída".⁵⁴ Logo, ele não só projeta o seu temperamento em sua filosofia, como também se vale da tradição astrológica antiga, na qual era decerto bastante versado, para descrever cosmologicamente a espiritualidade maligna do Capital mediante uma reativação extemporânea da antiga doutrina das semelhanças. Trata-se então da entrada da humanidade errante na Casa XII de sua natividade ancestral, com a promessa de autodestruição devido à sua aversão e inconjunção com a vida em geral, provocada pela culpa capital. Temos nisso a terapêutica sobriamente alucinada de Benjamin, que redimensiona a de Ficino para um diagnóstico profético da situação cósmica da humanidade na "época capitalista". É justamente neste sentido que Saturno consiste em agente decisivo na conformação mítica do Antropoceno. Como se brandisse a foice de Crono, "o ser humano histórico", sob a figura do "super-homem" de Nietzsche, provocou a "arrebentação do céu".⁵⁵

⁵² Benjamin, *Rua de mão única*, pp. 103-104.

⁵³ Benjamin, "O capitalismo como religião", pp. 21-22.

⁵⁴ Benjamin, "O capitalismo como religião", p. 22.

⁵⁵ Benjamin, "O capitalismo como religião", p. 23.

XII

O fragmento de 1921 ecoa nas *Passagens*, desdobrando-se em uma exegese da especulação cosmológica de Auguste Blanqui em *A eternidade pelos astros*. Benjamin afirma que essa obra encerra a “acusação mais terrível contra uma sociedade que projeta no céu a imagem do cosmos como imagem de si mesma”.⁵⁶ Aprisionado no Forte do Touro, Blanqui denuncia o encarceramento generalizado da humanidade moderna para dentro da “casa do desespero”: “[Ele], que à beira do túmulo sabe que o Forte do Touro será a sua derradeira prisão, escreve este livro para abrir a si mesmo as portas de novos cárceres”, delineando com isso “o céu no qual os homens do século XIX veem as estrelas”.⁵⁷ E mais: “A visão cósmica que expõe Blanqui, tomando seus dados à ciência natural mecanicista da sociedade burguesa, é uma visão do inferno”.⁵⁸ Nas palavras de Blanqui selecionadas por Benjamin:

Sempre e em todo lugar, no campo terrestre, o mesmo drama, o mesmo cenário, no mesmo palco estreito, uma humanidade barulhenta, enfatuada de sua grandeza, acreditando-se ser o universo e vivendo na sua prisão como em uma imensidão, para logo desaparecer com o planeta, que carregou com o mais profundo desprezo o fardo do seu orgulho.⁵⁹

É a humanidade desejosamente à mercê do seu *kakòs daímon*, presa para sempre em sua armadilha, uma masmorra sem limites: “A visão de Blanqui faz entrar na modernidade — da qual os sete velhos aparecem como arautos — o universo inteiro”.⁶⁰ O Antropoceno é, por conseguinte, tanto a Casa XII da humanidade moderna, o lugar do desespero absoluto, quanto a Casa VI da Terra viva, o lugar da devastação irreversível. Por sua parte, os “sete velhos” de Baudelaire formam, como os “sete arcontes” da cosmologia hermético-gnóstica da Antiguidade tardia,⁶¹ o cortejo funesto de Saturno em configuração maximamente trevosa e maléfica, “hostil ao universo, mais que indiferente” — tal qual laldabaoth.⁶²

[...]

Súbito, um velho cujos trapos de esmoler
Imitavam aquela cor de céu chuvoso
E poderiam ter feito esmolas chover,
Mas sem o que em seus olhos luzia danoso,

Surgiu-me — a pupila como que encharcada
No fel; o olhar até parecia que afiava
A geada; e a barba, longa e rija como espada,
Semelhante à de Judas se pronunciava.

Não era arqueado, mas quebrado, pois seu dorso
Formava com a perna ângulo reto acabado,

⁵⁶ Benjamin, “Paris, capital do século XIX” (1939), p. 66.

⁵⁷ Benjamin, “Paris, capital do século XIX” (1939), p. 66.

⁵⁸ Benjamin, “Paris, capital do século XIX” (1939), p. 66.

⁵⁹ Benjamin, “Paris, capital do século XIX” (1939), pp. 66-67.

⁶⁰ Benjamin, “Paris, capital do século XIX” (1939), p. 67.

⁶¹ Cf. Jonas, *A religião gnóstica*, pp. 169-173.

⁶² Cf. Jonas, *A religião gnóstica*, pp. 135-140.

De modo que um bastão, completando-lhe o escorço,
Lhe dava o jeito, seu passo desajeitado

De quadrúpede enfermo ou judeu com três patas.
Atolava-se em neve e lama persistente,
Como esmagando mortos sob suas sapatas,
Hostil ao universo, mais que indiferente.

Seu igual o seguia: sem sequer um traço,
Nada, que distinguisse o gêmeo centenário;
Os espectros barrocos iam a um só passo,
Vindos de um inferno só, para um ponto arbitrário.

Estaria eu exposto a algum conluio arguto?
Algum mesquinho acaso tanto me humilhava?
Pois contei sete vezes, a cada minuto,
Esse sinistro ancião que se multiplicava!

Quem quer que venha a rir dessa minha inquietude,
Sem que nem mesmo o tome um frêmito fraterno,
Pense que, não obstante tal decrepitude,
Os sete horríveis monstros tinham ar eterno!

Eu, sem morrer, teria entrevisto o oitavo ente,
Implacável e irônico, sócia fatal,
Filho e pai de si mesmo, Fênix repelente?
— Mas dei as costas para o séquito infernal.
[...]⁶³

Todavia, assim como Blanqui parece guardar um resto de esperança no poder vivificador da matéria contra o vazio da morte — “De modo algum ela se deixará ultrapassar pelo vazio. O espaço não se tornará sua masmorra. Ela saberá invadi-lo para vivificá-lo”⁶⁴ (esperança que por certo não concerne especificamente à humanidade) —, assim também Baudelaire dá as costas ao “séquito infernal” para em seguida ultrapassar a vertigem do choque urbano na embriaguez satúrnica da imensidão cósmica:

[...]
Aterrado, tal bêbado que vê em dobro,
Entrei, fechei a porta, cansado, aturdido,
E, enfraquecido, o espírito febril, soçobro,
Por todo esse mistério e esse absurdo ferido!

Minha razão queria ter o leme em vão;
Seus esforços venciam os o temporal,
E dançava, dançava a alma, embarcação
Sem mastros, num monstruoso mar sem litoral!⁶⁵

⁶³ Baudelaire, “Os sete velhos”, in: *As flores do mal*, pp. 278-281.

⁶⁴ Blanqui, *A eternidade pelos astros*, p. 73.

⁶⁵ Baudelaire, “Os sete velhos”, in: *As flores do mal*, pp. 280-283.

XIII

Lembro muito pouco. Fazia parte de um grupo numeroso de pessoas, algumas próximas, mas a imensa maioria desconhecida. O grupo era coeso. Reinava entre nós grande silêncio, motivado pelo empenho comum em sobreviver, o que demandava enorme esforço físico e controle mental. Atravessávamos uma montanha altíssima da base ao cume, escalando estreitas galerias sem fim, por dentro da rocha. Não sei o que esperávamos encontrar. Uma saída para o espaço exterior, alguma luz interna à pedra oca? Sim, procurávamos um lugar para viver. Não estávamos em fuga, não éramos perseguidos. Mas havia também grande temor do que se encontrasse a cada vez pela frente, ao passarmos, sob o risco da queda fatal, de uma galeria a outra. Havia sobretudo a suspeita terrificante de que a montanha fosse tão profunda acima quanto a interioridade da terra abaixo. Nosso propósito era subir ao céu, que bem poderia nada mais ser que o topo cerrado de uma pirâmide planetária. Era como se jamais pudéssemos chegar lá fora, ao céu que sabíamos estrelado. A esperança menos remota estava nas nunca antes vistas luzes interiores. Todos sonhávamos com elas. Como seriam? Gigantescos lustres, astros diminutos? — Assim reza a profecia tão longamente desacreditada: “A Terra pertencerá exclusivamente aos que vivem das forças do cosmos”.⁶⁶ Isso era, no sonho, um fato.

⁶⁶ Benjamin, *Rua de mão única*, “A caminho do Planetário”, p. 103.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin-Companhia, 2019.
- BENJAMIN, Walter. Agesilaus Santander [Erste Fassung]. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Band VI: *Fragmente vermischten Inhalts, Autobiographische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. pp. 520-521.
- BENJAMIN, Walter. Zur Astrologie. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Band VI: *Fragmente vermischten Inhalts, Autobiographische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. pp. 192-193.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 108-113.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 222-232.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX (1939). In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: UFMG, 2009. pp. 53-67.
- BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. In: BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Trad. Nélcio Schneider; Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013. pp. 21-25.
- BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: 34, 2013. pp. 49-73.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- BLANQUI, Auguste. *A eternidade pelos astros*. Trad. Takashi Wakamatsu. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.
- BÖHME, Jakob. *Aurora oder Morgenröte im Aufgang*. Berlin: Hofenberg Sonderausgabe, 2016.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.
- FICINO, Marsilio. *Three Books on Life*. Trad. Carol V. Kaske; John R. Clarke. Tempe: The Renaissance Society of America, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: 70, 1989.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: n-1, 2018.
- GREENBAUM, Dorian. *The Daimon in Hellenistic Astrology*. Leiden; Boston: Brill, 2016.
- JONAS, Hans. *A religião gnóstica*. Trad. Ana Maria Pereirinha. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019.

PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturn and Melancholy*. Nendeln: Klaus Reprint, 1979.

SCHOLEM, Gershom. *Cabala*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Chave, 2021.

SONTAG, Susan. Sob o signo de Saturno. In: SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. pp. 106-130.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VOSS, Angela. The Astrology of Marsilio Ficino: Divination or Science? *Culture and Cosmos*, Bristol, v. 4, n. 2, pp. 29-45, Autumn/Winter 2000. Disponível em: https://www.cultureandcosmos.org/pdfs/4-2/4-2_Voss_Ficino.pdf. Acesso em: 27 nov. 2025.

YATES, Frances. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Trad. Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1987.